

A PATRIA

Orgão dos interesses da colonia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo -- Sabbado 10 de Julho de 1886

Diario da manhã-Anno VIII-Num. 2103

A PATRIA
é publicação diária e da manhã. — Sahe pela typographia do seu nome

Tem colaboradores e numerosos correspondentes na campanha e Exterior

DIRETOR: PASSO A. FARINHA

CONDICÕES

Assinatura mensal nesta cidade

PARA FORA

Semestre

Anno

Numero do dia

atrasado

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestre (moeda papel rês)

Anno

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.

A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retirada do correio.

Não se devolvem originaes, ainda que não sejam publicados.

AGENTES

NA

Campanha e Exterior

LOCALIDADES

NOME DOS AGENTES

Alegrete

Araçatuba

Arroio do Meio e Clara

Artigas

Avestruz (Cerro Largo)

Bagé

Barcelos (Cerro Largo)

Carmagatá (Tanguy)

Candiota (Província do Rio Grande do Sul)

Cauhaia Brava (Cerro Largo)

Cerro Largo

Cherry (Riocha)

Cerro de Pereira (Tangy)

Coronel (Durazno)

Coronilla (Tanguy)

Concordia

Coralles (Tanguy)

Cuchilla da Palma (Tanguy)

Cuchilla do Grande

Cuchilla da Pereira (Tanguy)

Cuchilla de Haedo

Cuchilla de Tanguy

Cuchilla Negra (Salto)

Fray-Bentos (Fabrica)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

Freixo (Riocha)

A PATRIA

MONTVIDEO 10 DE JULHO DE 1886

As annunciadas evoluções

UMA APOSTA PERDIDA

Quando os jornais argentinos com signaes de misterio annunciaram que o governo do General Roca tinha resolvido mandar uma esquadra de evoluções as costas e possessões do Brasil, com o fim de fazer evoluções e exercicios do fogo, commentou-se a noticia e em todos os circos politicos e particulares não se fallava senão na probabilidade de um rompimento da relação que essa resolução traria, entre os dois países.

Faziam-se commentarios de todo o juiz, como acima acabamos de dizer e a imprensa occupou-se do assumpto, com indirectas pro e contra a resolução do governo argentino, chegando-se mesmo a fazer supposições extravagantes a respeito de uma conflagração geral entre os países d'esta America, a qual collocaria em eminente perigo a autonomia oriental.

Pois bem. Quando tinham lugar essas commentarios, que o espalhado da imprensa argentina dava-lhes umas proporções ameaçadoras e perigosas, succedeu um facto pequeno, mesmo insignificante, se se quizer, porém de certa transcendencia, depois da direcção que tomaram os assumptos do prognostico.

Narrar-lhe-amos porque vem bem ao facto.

Achavam-se reunidos no escriptorio da redacção d'esta folha alguns compatriotas e outros amigos, não compatriotas, quando a questão veio a conversação por ter apparecido uma noticia transcrita de um periodico portunho, que dizia que a esquadra não só iria nos portos da Bahia e do Pernambuco, como até as costas da ilha de Fernando de Noronha, onde se achava o presidio dos condemnados.

Conversou-se sobre o thema em diversos sentidos, accendidos uns a resolução do governo argentino e defendendo outros, pois estavam presentes alguns brasileiros, outros orientales e um argentino.

Houve então um dialogo que ficou gravado na mente dos presentes e que mais faz sobre elle avivar a lembrança, uma resolução tomada.

Ocupamol-o:

—A resolução do general Roca de mandar as costas brasileiras uma esquadra argentina, é censuravel, quando o Governo do Brasil, podendo tê-lo feito, jamais o fez.

—Está no seu direito, respondeu logo outro ouvinte, que tem ahi a mão no bolso da outra margem. Não é motivo para alarme.

—Não é possível tal resolução, não julgo o governo argentino tão pouco providente, seria uma provocação, interviria outro dos presentes. O governo do Brasil, sabe bem a Republica Argentina, tomara a revanche, porém com grande vantagem. Parece-me ouvir as resoluções do barão de Cotegipe: Uma esquadra superior acompanharia a argentina para presenciar as manobras como guarda de honra, e outra, não menos importante viria evolucionar no porto do Buenos Aires e quem sabe se mesmo nas portas da famosa ilha Martin Garcia, la llave del Uruguay, como dizem os argentinos; chava falsa, replicam os orientales.

—Os argentinos são ouzados, inimiscuio-se na conversação outro amigo.

—Os brasileiros, são cautos e por isso, seguros, respondeu logo um riograndense que não tinha ainda tomado parte na conversação. Não sei, continuou, tenho um presentimento, de que a esquadra annunciada não tocará aguas brasileiras!

—O general Roca bem sabe a transcendencia de tal passo, principiamente em emergencia especial. A resolução teria responsabilidades e quem está para deixar o poder, quer fazê-lo sem compromissos, criam-me.

—Eu não menos prezo a independência, e gosto do prazer, como outro qualquer, tu bem o sabes, respondeu Leão; mas ha um genero de divertimentos que eu não partilharei contigo.... nem *Mimi* nem *Muella* prendê-lo o meu coraço.

—Está bem certo disso?

—Absolutamente certo.

Renato Dharville olhou para o amigo.

—Olá! disse elle, deixando perceber um sorriso nos labios, então a bonita pensionista de tua tia, a Sra. Fontana, continuou a reinar com soberania no teu coraço, que tu pretendes disputar ás heroínas de Murger?

—Continúa!

—E' sério?

—Tão sério, que nunca terei outro amor.

—Então conserva-o bem!... Conserva religiosamente este amor!... Será o teu apoio e a tua salvaguarda na vida!

Trocando as phrases que reproduzimos, os dous moços tinham chegado á morada da familia de Renato.

O pai, rico industrial, possuía nas cercanias da Saint-Julien-du-Sault, fudicções importantes.

Era homem de cinquenta e dous a cinquenta e tres annos.

A mãe, a Sra. Dharville, tinha perto da quarenta e cinco.

Só tinha um filho. Renato é naturalmente estimado, até á adoração, mas sem fraqueza.

Tudo aquillo que fosse amigo de Renato, tornava-se para elles objecto de uma afecção sincera.

Receberam Leão de braços e coração abertos.

Além disso, o Sr. Dharville conhecia muito intimamente o tabellião Benjamin Leroy e Leão achava-se no meio de uma excellente familia que não era estranha para ella.

A franqueza e a cordialidade do acolhimento que recebeu, puzeram-no immediatamente á vontade.

Renato e elle desambaraçaram-se dos seus apetrechos de caça e dirigiram-se para a sala de jantar.

Logo que acabasse de almoçar, o Sr. Dharville tinha que partir para as suas officinas, onde devia passar dous ou tres dias.

Sahindo de casa, disse a Leão que esperava ainda encontra-lo, quando voltasse, convencido que, depois da chegada que se projectava, passaria pelo menos uma semana em Saint-Julien-du-Sault em companhia de seu amigo Renato.

Depois sahio.

Os dous moços empregaram a tarde fazendo de armeiros, desmontando e limpando a fecharia das espingardas, que nenhuma necessidade tinham de ser limpas e a hora do jantar sorprehendeu-os nesta agradável occupação.

Gracias a uma interminavel conversa, o jantar, digno-lo, que era muito bom, prolongou-se até tarde.

Davam 11 horas, quando se levantaram da mesa.

Renato e Leão foram então para os seus quartos, que eram perto um do outro.

O criado do Sr. Dharville recebeu ordem para se accoriar ás tres horas e meia da manhã; visto que a distancia que tinham que percorrer, antes de chegar á quinta designada para a reunião dos caçadores, era de muitos kilometros e a neve que começava a cair não deixaria de tornar os caminhos difficis.

Calculavam que quatro horas e meia de sono devia amplemente bastar-lhes, para que pudessem fazer frente, com energia ás fadigas do dia seguinte.

Renato adormeceu logo que encostou a cabeça no travesseiro.

Outro tanto não aconteceu a Leão.

Apezar do grande prazer que lhe proporcionava a caça do dia seguinte, estava muito preoccupado e preoccupado de maneira penosa, pelo sonho que tinha feito na véspera e que não o ouvissem contar á Sra. Fontana.

Parecia-lhe ver sem cessar, Emma-Rosa, banhada no seu proprio sangue, depois da terrivel luta com o mysterioso assassino.

Esta preoccupação importuna ou antes esse pesadelo que não podia afastar de si, conservava-o acordado.

Em resumo, não pegou olho.

Ouvia o relógio, collocado no fogão do seu quarto, dar successivamente as horas e as meias horas.

As tres horas e um quarto sahio da cama, accendeu uma vella e vestio-se, sem esperar que o criado viesse des-

—A que vi? tornou o cavalheiro do

alidades argentinas.

—A que não respondeu-lhe o rio-gran-

denso.

Mais algumas palavras do parto a

parte, o a aposta foi ajustada.

Fazem já uns vinte e tantos dias que

tal succedea. O governo argentino, não

sabamos se pensou com mais calma,

medio o alcance da sua resolução, estu-

dou suas conveniencias, consultou a

idêa, reflexionou, ouviu alguém, teria

noticias do que não esperava, recebeu o

futuro, enfim, o facto é que acaba de

resolver que os seus navios não deixem

o contacto das aguas do Prata.

Seja como for, d'esse a toa preceito

que se quizer, essa resolução foi acertada

o mesmo em attenção a elevadas

conveniencias sociais, não podia nem

deixar-se outra.

Lembra-nos escrever estas linhas

uma carta que dirigio o cavalheiro qua

perdeu, no nosso compatriota que ga-

nhou. Diz ella assim. Leia-se-a, em ma-

lucia:

« Mi estimado amigo, —Vd. vió mas

« lejos que yó. Aquel, á que não traduzia

« idea algo visionaria, envolvia pensa-

« miento altamente politico. Eu mi co-

« gnedad patriótica me dejó llevar por

« los impulsos nacionales, sin mirar

« atrás.

« Ganó Vd. en ley, ahí vá el billete

« apostado, y quiera el tener premio tan

« grande y que sea tan útil, como acerta-

« da y política fué la resolución del go-

« berno para mudar de rumbo.

« Aquel á que não, debía figurar en un

« libro de historia internacional entre

« los dos países, que muy bien se podrá

« escribir en el porvenir.

« Aquel á que não, sonará por mucho

« tiempo en mis oidos y placen al cielo

« que el á que já jamás llego, si viene

« con cortejos funebres de sangüinaria

« guerra. La paz es un beneficio de alta

« significacion para países limítrofes co-

« mo los nuestros. Adios. Reciba de este

« amigo un apretón de manos que sim-

« bolice la fraternidad sud-americana. »

X. X.

Ha um adagio de eloquencia irrefuta-

vel: « Nem sempre se faz o que se

quer! »

ECHOS DO BRASIL

Senado

Sessão de 19 de Junho de 1886

DISCURSOS DOS SRS. MINISTROS DA FAZENDA E DA GUERRA, E DO SR. SILVEIRA MARTINS

O Sr. Francisco Belizario (ministro da fazenda) começou dizendo que dava

responder ao Sr. Dantas, pedindo-lhe licença para não acompanhá-lo em todas as

considerações feitas, porque veio ao

senado discutir uma questão especial.

Quanto aos motivos que levaram o

governo a pedir a segunda prerogativa

do mesmo orçamento e não convocar

extraordinariamente a assembleia geral

para a discussão das leis de meios de

clara que não é um mal pedir prorroga-

ção d'essas leis, é um recurso do gover-

no. Já deu na camera as razões por que

não convocou extraordinariamente a cam-

mara.

Recorda que em opposição o orador o

o seu partido censuraram o abuso ou o

uso constante d'essa meio extraordiná-

rio. Demais, uma prerogativa do orna-

mento não constitua uma illegalidade,

mas uma irregularidade, o a vantagem

de fazer logo o que censurou é tal que

por certo d'ahi não derivaria o evitar essa

irregularidade.

Sobre a convocação extraordinaria diz

que seria difficil reunir os membros do

parlamento nos mezes da estação calida

d'esta capital e quando uma epidemia se

alargava declarado; accresco que os pri-

meiros mezes de uma legislatura são

sempre occupados na camera com os

trabalhos da verificação de poderes; e a

mesma teoria o governo de achar-se na

mesma contingencia....

O Sr. Dantas —Por isso mesmo; assen-

do como se fez só terminos orçamento em

outubro ou novembro.

O orador... de pedir na mesma forma

uma resolução prorogativa, tendo entra-

do, feito aquillo que havia censurado.

Já disse-o que é uma irregularidade,

mas não uma illegalidade.

Sobre o meu systema de discutirem-

se no parlamento os orçamentos, sendo

diversa a pratica nos outros países, não

se propõe acompanhar o Sr. Dantas nas

suas observações; mas notará que o

meu no Brasil a este respeito está em

tor-se feito do orçamento a loi unica de

uma sessão, na qual estão incluídas

quasi todas as leis necessarias no go-

verno.

Acrescento que, se o orçamento se tor-

nasse simplesmente o primeiro, entra a

resolução e a despesa, seria discutido com

muito maior rapidez do que entre nós

tem sido. O que denota a sua discussão

é virem n'ella incluídas todas as leis ne-

cessarias, tobas as auctorisações e mui-

tas vezes materias estranhas são n'ellas

inseridas.

Neste assumpto o orador tem feito al-

gum esforço para corrigir estes incon-

venientes, mas é preciso muito tempo

para se corrigir esse defeito, ou esses

abusos.

Na resolução que se discute o que é

uma providencia organitaria foi neces-

sario combater os desejos manifestados

na camera dos deputados, tanto pela

maioria como pela opposição, de que

viessom na prerogativa dous projectos,

um approvando o contrato da illumina-

ção a gaz e o credito para obras na

provincia de Pernambuco.

O governo oppoz-se á inclusão, por-

que isso viria retardar a passagem da

prerogativa, e os projectos podiam con-

stituir-se leis especiaes, como se fez.

Depois de explicar as razões que o la-

varam a fazer a emissão do apolices pelo

